



Favela luta e vence

Equipe mareense de jiu-jitsu coleciona medalhas em campeonato nos Emirados Árabes e dá mais um exemplo de potência em mês que terminou com chacina no conjunto de favelas. **PÁGINAS 6 E 7**

No mês do Dia Internacional dos Direitos Humanos, o Maré de Notícias inicia uma série de reportagens sobre o tema e as formas como esse debate impacta a vida na favela.

PÁGINA 3

Sua internet funciona bem na favela? Avanços na conexão do país são anunciados, mas pouco se vê dessa promessa de velocidade na Maré.

PÁGINAS 10 E 11

Aposentadoria: Com a perda do poder de compra do salário mínimo, o valor do benefício não garante nem mesmo o básico para a sobrevivência.

PÁGINAS 12 E 13

Meio ambiente

Cria da Maré e membro da equipe data_labe integra a delegação da Coalizão O Clima é de Mudança que foi à conferência do clima da ONU no Egito para debater justiça climática e ambiental.

PÁGINAS 4 E 5



ELISÂNGELA LEITE



Quedas de energia

Se os cariocas gostam do verão, quem mora na favela se preocupa com as quedas de luz comuns durante a estação mais quente do ano.

PÁGINAS 14 E 15

EDITORIAL

Trabalhar com jornalismo comunitário é viver bem perto das contradições da vida em uma sociedade extremamente desigual. É enxergar o alvo fixado nas costas de um tipo específico do dito criminoso: pobre, preto, periférico. É ser tratado como “defensor de bandido” por apontar o óbvio: não há pena de morte no Brasil. E mesmo nos países em que existe a pena capital, a execução sumária e covarde não é legal, sob nenhuma hipótese.

Sabe por que a cobertura da violência no Maré de Notícias é diferente da dos outros jornais e sites? Porque acreditamos numa narrativa diversa. Não significa, em absoluto, que ignoramos os problemas que assolam o conjunto de favelas que nos acolhe. Sabemos muito bem deles. Membros de nossa equipe já tiveram suas casas violadas, seu direito de ir e vir barrado, precisaram se proteger de disparos que explodiam bem pertinho dos seus ouvidos, já se preocuparam com seus amores que não tinham chegado em casa.

Acreditamos que falar dos mareenses vitoriosos no campeonato mundial de jiu-jitsu nos Emirados Árabes merece destaque; que contar a trajetória do cria da Maré que participou da maior conferência do clima do mundo é essencial; que é preciso lutar pelo direito das favelas a uma internet de qualidade, a um sistema de energia elétrica estável. Acreditamos em uma vida de potência para resistir aos efeitos desta “guerra” contínua e sem vencedores.

Esperamos que a edição de dezembro encontre você e sua família com saúde. Fique de olho na nossa cobertura factual no site do Maré de Notícias (<https://mareonline.com.br/>). Compartilhe conosco por WhatsApp críticas, sugestões ou elogios: (21) 97271-9410. Boa leitura e até a próxima edição!

CHARGE - NANDO MOTTA



Nando Motta
SOBRE OBRA DE NORMAN ROCKWELL

ALÔ MORADOR! ESTE ESPAÇO É SEU. ENVIE SUA POESIA, FOTO, RECEITA OU PIADA.

(21) 97271-9410

maredenoticias@gmail.com

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes **da** **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Jéssica Pires

EDITORA

Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Joee Lins e Silva
Lenny Aquino

Lucas Frederico Brandão
Thuany Vieira Nascimento

DISTRIBUIDORES:

Cristiane dos Santos

Diego Alves

Jonathan Ribeiro

Larissa Oliveira

Pedro de Oliveira

Renata Gomes

Vagner Moreira

Valdemir Gomes

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Flávia Veloso
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Samara Oliveira
Edilana Damasceno
Edu Carvalho
João Gabriel Haddad
Rebekah Tinôco
Gabriel Horsth
Jorge Melo

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Gabi Lino
Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho
PROJETO GRÁFICO
Mórula_Oficina de ideias
DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

**Acompanhe o Maré de Notícias
na internet!**



@maredenoticiasoficial



www.mareonline.com.br



@maredenoticias



(21) 97271-9410



@MareNoticias



maredenoticias@gmail.com

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Luta constante por dignidade

No mês do Dia Internacional dos Direitos Humanos, o Maré de Notícias inicia uma série de reportagens sobre o tema

EDU CARVALHO

Num jogo rápido, responda: morador de favela tem direitos? Se você demorou mais de três segundos para responder à pergunta é porque sabe que, historicamente, a população periférica sempre esteve distante da maior parte das garantias constituídas por lei. Se elas deveriam ser válidas para todo e qualquer cidadão, independentemente do lugar onde vivem, quando se trata do território favelado e preto usufruí-las se torna um desafio.

Dezembro é marcado pelo Dia Internacional dos Direitos Humanos, celebrado dia 10 deste mês. Ele faz parte do calendário desde 1948, quando foi promulgada a Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Na data, ações espalhadas pelo mundo alertam sobre a garantia dos direitos tidos como fundamentais descritos na Declaração. Desde seu surgimento, a história da Maré é a trajetória da luta pela disseminação dos direitos humanos para todos.

E assim é feito através de mobilizações em diversos aspectos, como o #VacinaMaré (pela vacinação contra a covid-19), *Rema Maré* (saúde mental), além de *Maré Diz Não Ao Coronavírus*; o *Maré Que Queremos* e o *Azulejaria*, projetos por direitos urbanos e ambientais; *Robótica*, pela educação; *Maré de Direitos* e *Maré Sem Fome*, programas ligados à segurança pública e alimentar.

Direito à vida

Uma campanha que ajuda a responder à pergunta inicial completou dez anos de realização em 2022: *Somos da Maré, Temos Direitos* foi criada pela Associação Redes da Maré em 2012 para garantir, nas favelas, os direitos à vida e à segurança.

“Quando a campanha foi lançada, a Maré era uma das áreas

prioritárias da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro para receber uma Unidade da Polícia Pacificadora (UPP). Muitas favelas com essas unidades relataram frequentes situações de violações de direitos por parte dos agentes da segurança pública”, conta **Maykon Sardinha**, coordenador do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça.

A luta por direitos na Maré é anterior às UPPs, como conta Eliana Sousa, diretora da Redes. Em 2012, a associação promoveu a campanha de conscientização e comunicação sobre o que os agentes da segurança pública podem ou não fazer durante uma abordagem policial.

“Se a gente for olhar para os direitos, as políticas de segurança pública e de justiça são aquelas que estão mais distantes da realidade de quem vive nas favelas e periferias”, diz **Lidiane Malanquini**, também coordenadora do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça e testemunha da criação do eixo e do desenvolvimento da campanha.

Segundo Lidiane, as experiências dos moradores de favela, através de relatos colhidos, são sempre ligadas à violência, o que naquele momento fez com que a ONG criasse um setor específico para trabalhar o tema: “Não tinha como a gente investir na ampliação de vários direitos e não trabalhar a segurança pública”, diz Lidiane.

Moradores na luta

Ao longo dos anos, com o diálogo efetivo junto aos moradores, uma melhor e maior compreensão no debate foi estabelecida, com articulações comunitárias que pautaram um antes e depois da vida na Maré. Marcos históricos, como a mobilização depois da chacina no Parque União em 2013, e a ocupação do Exército em 2014 por 15 meses, fizeram com que a campanha ficasse ainda mais urgente.

DOUGLAS LOPES



Campanha foi criada para lutar constantemente pelo direito à vida nas favelas

“Podemos afirmar que essa ocupação não trouxe melhorias para as condições de segurança pública no território”, diz **Patrícia Viana**, coordenadora das Ações de Enfrentamento e Monitoramento das Violências do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça. Patrícia explica que a campanha mobilizou o morador e fortaleceu o seu protagonismo na luta pela garantia de direitos. Um trabalho bem planejado resultou na entrega de cartilhas de porta a porta, além de outras iniciativas.

O movimento ganhou fôlego em 2016 (um ano antes da histórica *Marcha Contra a Violência*), quando foi criado o projeto *De Olho Na Maré* para coletar e sistematizar dados de violência nas 16 favelas do conjunto. Ainda em 2016, a insatisfação dos moradores com as frequentes violações de direitos cometidas por agentes da segurança pública chegou à Justiça através de uma Ação Civil Pública — ela trata de direitos difusos e coletivos — como uma forma de protestar por um direito coletivo.

“A ACP da Maré é um exemplo de como a mobilização por uma causa é peça fundamental para

a consolidação de ações concretas que garantam a melhoria da qualidade de vida local”, diz Maykon Sardinha.

Direito, não privilégio

Para Maykon, um dos focos do trabalho é fazer com que o morador se reconheça não como quem exige um privilégio, e sim luta para a efetivação daquilo que é seu por direito: “É preciso que haja um engajamento de toda a sociedade, reconhecendo que as favelas são parte da cidade e que seus moradores são cidadãos plenos.”

Arthur Viana, coordenador da campanha *Somos da Maré, Temos Direitos!*, concorda: para ele, os próximos passos da campanha giram em torno do aprofundamento do diálogo entre moradores e agentes de segurança, explicando de maneira ainda mais didática as questões relacionadas ao assunto.

“Segurança pública vai muito além dos efeitos da violência armada. Existem outros impactos, como direitos básicos que são afetados dentro das favelas por essa falta de garantias. Vamos levar a todos, usando diferentes metodologias e ferramentas, essas informações”, diz.

Pensar a questão climática da Maré ao Egito

Cria dos territórios, Vinicius Lopes integrou a delegação da Coalizão O Clima é de Mudança que foi à COP 27 debater justiça climática e ambiental

EDILANA DAMASCENO

“Para uma pessoa preta e vinda de favela como eu, é muito importante ocupar esse espaço.” Aos 23 anos, **Vinicius Lopes** encarou 22 horas de viagem entre o Rio de Janeiro e a cidade egípcia de Sharm-el Sheikh para participar da 27ª Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), também conhecida como Conferência das Partes ou apenas COP27.

Vinicius integra a equipe do Cocôzap (projeto de participação social, incidência e geração cidadã de dados sobre saneamento básico em favelas do data_labe) e participou da delegação composta por sete integrantes da Coalizão O Clima é de Mudança. Esse grupo (formado por data_labe, Labjaca, Plataforma CIPÓ, Agenda Realengo 2030 e Visão Coop) é fruto do desejo das cinco instituições nacionais de pautar e complementar o debate climático a partir de perspectivas periféricas e faveladas.

A Conferência das Partes é resultado da Convenção Quadro das Nações Unidas para Alterações Climáticas (um tratado de 1992), uma medida estabelecida para que todos os países-membros possam se reunir anualmente para debater, repensar e discutir mudanças climáticas no planeta. Trata-se de uma tentativa de estabelecer medidas que melhorem ou estabeleçam a situação climática e ambiental em que a Terra se encontra.

Confira na entrevista abaixo a experiência de Vinicius durante sua participação na COP27.

Quais foram suas impressões sobre os sete dias da COP27?

A COP do Egito não foi só distante em termos geográficos. Um dos grandes impactos que nós da Coalizão sentimos foi em relação à dificuldade de nos situarmos situarmos por conta do acesso a eventos desse tipo. Foi complicado entender o processo de como as discussões se davam, a dinâmica dos debates. Quando a gente começava a entender o fluxo das coisas, elas já tinham acabado.

Deu claramente para perceber que



Vinicius, Maria Clara, Gabrielle, Thiago, Marcele e Mariana integraram a Coalizão O Clima é de Mudança na COP 27

quem está nesse rolê há mais tempo conseguia extrair o máximo dali; assim como nós, quem estava chegando ficava um pouco mais perdido. Então a minha primeira impressão foi a de que a COP27 era um lugar difícil de entender a dinâmica do próprio evento..

A impressão final é a de que foi muito incrível, mas a gente precisaria de mais tempo para entender, para circular, para estar ligado como tudo funciona, para onde a gente vai, quando ir, o que assistir — se uma mesa redonda ou alguma negociação, se a gente vai em um protesto ou precisa ir pra outro evento em outra área.

A Coalizão O Clima é de Mudança é composta por jovens que, assim como você, são crias de territórios marginalizados. Como foi participar do debate climático?

Como pessoa preta e que veio de favela, estar ali e participar daquele deba-

te representou simbolicamente uma vitória. Na coalizão, quase todos eram de territórios marginalizados e pretos. Vimos na COP27 uma galera de favelas e periferias, assim como representações indígenas — mas éramos cem, 200 pessoas para milhares de brancos e de países europeus. A conta não fechava.

Acho que esse é o lugar da juventude que está olhando para o clima, para o meio ambiente e que vem desses espaços que não são somente formados por pessoas brancas ou com um alto poder aquisitivo. É preciso estar nesses espaços e se manter neles. Mostrar que se pode não só ouvir, não só fazer pressão, como também participar de debates muito qualificados, sabe?

É sair um pouco desse lugar de objetos, ou até de coitados, como somos colocados, para de fato ocupar, pautar o debate e mostrar nossos pontos de vista. É sobre hackear o debate.



RICARDO STUCKERT

Vinicius aproveitou a oportunidade para falar com o presidente eleito

Qual momento foi mais especial ou marcante?

Um dos momentos mais marcantes foi a primeira fala do presidente eleito Lula, que trouxe muita perspectiva de abertura para a sociedade civil. Foi um momento em que a COP parou, todo mundo parou por pelo menos quinze minutos para ouvir o que o Lula tinha a dizer. Todo mundo se reuniu em frente ao pavilhão onde o Lula falaria.

Agora a gente consegue ter uma perspectiva do que será o Brasil, para além de partidos políticos, além de qualquer coisa — a perspectiva de sermos inseridos na pauta ambiental e climática. Até agora e por muitos anos, a gente ficou de fora, então é muito simbólico esse movimento.

Qual foi o impacto dessa fala do presidente eleito Lula?

Do início dos anos 2000 até 2013, o Brasil foi um dos países com mais presença para pensar em meio ambiente, pra pensar em clima. Tinha voz e a fala dele era muito importante. Era um país que as pessoas ouviam. Com o tempo, isso se perdeu. O momento da fala do Lula foi aquele de todo mundo pensar: “E aí, será que vai mudar alguma coisa? Será que o Brasil vai voltar a ser um Brasil como antes?” Acho que esse foi um dos momentos mais marcantes.

Quais são as expectativas para o futuro ambiental das periferias e para o combate ao racismo ambiental?

Um dos compromissos do presidente eleito foi uma reunião com a sociedade

civil brasileira, na qual puderam participar cerca de 150 pessoas de diferentes organizações, e que foi transmitida do lado de fora para quem não conseguiu entrar na sala. Nós da Coalizão estávamos lá e a gente pôde acompanhar tudo de pertinho. Basicamente essa reunião foi para que o presidente Lula pudesse escutar a sociedade e todos pudessem ter um momento de troca mais ativa.

Nessa reunião, algumas lideranças falaram mais, como uma representação indígena, o Douglas Belchior, da Coalizão Negra por Direitos, e a Thuane Nascimento, do PerifaConnection, falando a partir da favela.

Logo, o racismo ambiental foi muito falado, de como essas questões climáticas chegam em locais de favela. A Thuane deixou isso marcado no discurso dela, assim como o Douglas — o Lula pôde, com certeza, dimensionar o racismo ambiental a partir da perspectiva periférica.

Entre as reivindicações, quais as mais relevantes?

Em outros espaços da COP27 também houve muitos protestos pedindo justiça ambiental e climática. Até porque estava todo mundo olhando atentamente para esse conceito de perdas e danos [*o prejuízo efetivamente sofrido, e o que o prejudicado deixará de ter em razão do que causou a perda*], que por mais que não aponte diretamente para as favelas e periferias brasileiras, também fala delas, uma vez que tratam de comunidades vulnerabilizadas.

Esse conceito de perdas e danos basicamente diz respeito a locais que vão ser duramente afetados pelos efeitos negativos das mudanças climáticas, e não há adaptação que possa impedir os danos. Nesse sentido, já tem locais (como as Ilhas Fiji, no oceano Pacífico) que estão sendo inundados por conta do aumento do nível do mar.

Mas a gente não precisa ir tão longe. As favelas e periferias também já estão sofrendo um grande impacto das mudanças climáticas. Aqui na Maré a gente vê, cada vez mais, como as chuvas fortes e inesperadas têm deixado as favelas inundadas por dias, fazendo até com que famílias percam tudo que têm quando a água entra nas casas com tudo.

O que você sente que acontecerá depois desses debates, principalmente no Brasil?

A expectativa para o Brasil e para o mundo é olhar para as comunidades marginalizadas e historicamente mais afetadas pelos efeitos negativos da crise climática. Essa foi, definitivamente, a COP da Justiça Climática, ou seja, aquela em que o mundo todo entendeu que é necessário não só olhar para quem vai ser mais afetado como tomar iniciativas.

Um dos resultados da COP27 foi um acordo de um fundo de financiamento para perdas e danos. Esse resultado possibilita que o Sul Global (os chamados países de terceiro mundo) consiga fazer frente às mudanças climáticas ou pensar em maneiras de se adaptar ou, ao menos, compensar quem vai ser atingido duramente pelos efeitos dessa crise — gente que vai sofrer os efeitos de secas e enchentes.

O Brasil é um dos países incluídos aí, e durante as negociações também se colocou favorável à criação desse fundo de perdas e danos. Com a eleição do Lula, os pronunciamentos já foram no sentido de trazer o Brasil de volta para as discussões sobre clima e meio ambiente.

O que se espera é que os compromissos firmados pelo governo de transição e pelo presidente eleito (ouvindo a sociedade civil, os jovens, as periferias, por exemplo) sejam o fio condutor das políticas ambientais dos próximos anos. Além disso, Lula ofereceu, na COP27, o Brasil como palco da COP30, que acontecerá em 2025.



Portão da COP27, conferência do clima da ONU realizada no Egito neste ano

MATTHEW TENBRUGGENCATE / UNSPLASH

A favela luta... e vence!

Equipe Maré Top Team traz para casa 14 medalhas de ouro, quatro de prata e duas de bronze do campeonato mundial de jiu-jitsu nos Emirados Árabes

GABRIEL HORSTH

No mês da Consciência Negra, 38 atletas moradores da Maré deram ao território um belo presente: trouxeram do Abu Dhabi World Professional Jiu-Jitsu Championship 2022 (um dos maiores e mais importantes campeonatos do mundo, realizado nos Emirados Árabes) 20 medalhas na bagagem: foram 14 medalhas de ouro, quatro de prata e duas de bronze, garantindo ao Maré Top Team o quarto lugar no ranking mundial de equipes.

Em sua 14ª edição, a disputa aconteceu entre os dias 11 a 19 de novembro. O mestre **Douglas Gentil**, de 43 anos, se diz orgulhoso do resultado: “É importante que a garotada sonhe com voos mais altos. É também para nós um passo muito importante que demos rumo à consolidação do projeto como equipe”, diz. Conhecido pelo pulso firme, o treinador acredita no esporte como ferramenta de transformação e faz questão de agradecer à Mubadala e à Electric Films, parceiros do projeto.

O destaque do campeonato ficou a cargo dos atletas mirins **Pedro Felipe Horsth**, de 9 anos, e **Rhyane Camylle**, de 10 anos, que emocionaram o público presente na abertura do evento e garantiram o pódio para o Brasil. “Lá a gente parecia famoso, todo mundo tirava foto. Voltar para meu lugar com o ouro é uma sensação que não sei explicar”, diz Pedrinho.

Chegar a Abu Dhabi (uma das cidades mais caras do mundo) não foi tarefa fácil. Os atletas se mobilizaram para arrecadar o valor necessário



Guilherme ao lado do primo Pedrinho: ambos campeões de diferentes competições, mas, principalmente, exemplos de potência no esporte e na vida

através de rifas e vendas de bolos, pipocas e trufas, realização de sorteios, parcerias com estabelecimentos locais da favela e o empenho massivo de amigos e familiares.

“É importante falar do Dudu, que deu uma camisa da Tropa do Hulk, uma equipe de baile funk das antigas, e de todos os meninos do Moto Táxi da Principal na Nova Holanda, que compraram a rifa da camisa. A DN Burgueria aqui da Nova Holanda foi a primeira parceria que o Pedrinho teve na vida”, conta entusiasmada **Leda Horsth**, de 49 anos e avó do menino. Ela se juntou às mães de outros atletas na missão de concretizar a viagem.

Foi através do pequeno atleta (criado por seus avós paternos) que Leda conseguiu realizar um sonho: conhecer outro país. “Foi a primeira vez que viajei de avião, sempre quis conhecer outra cultura e

CONFIRA OS 20 MEDALHISTAS DO ABU DHABI WORLD PROFESSIONAL JIU-JITSU CHAMPIONSHIP 2022

- Ana Rodrigues (11 anos), ouro
- Caio Yarlen (15 anos), ouro
- Cristiano Salustino (11 anos), prata
- Erick Alexandre (13 anos), ouro
- Gabriel Mussum (11 anos), ouro
- Giovanna Carneiro (17 anos), prata
- Ihennypher Marques (14 anos), bronze
- Julia Freires (12 anos), ouro
- Kauane Lima (15 anos), ouro
- Kauê Henrique (13 anos), bronze
- Lara Dias (14 anos), ouro
- Pedro Felipe Barros (9 anos), ouro
- Pyetro Emanuel (14 anos), ouro
- Rebeca Medeiros (12 anos), prata
- Rhyane Camylle (10 anos), ouro
- Samuel Bahia (12 anos), prata
- Sofia Azevedo (12 anos), ouro
- Theodora Rangel (8 anos), ouro
- Wallace Silva (15 anos), ouro
- Yasmin Andrade (12 anos), ouro





MATHEUS AFFONSO

Atleta promissor, Pedrinho coleciona 28 medalhas, incluindo o ouro conquistado em Abu Dhabi

nunca achei que isso ia acontecer comigo, que vou completar 50 anos”, conta, emocionada, a auxiliar de serviços gerais.

Tímido em casa, feroz no tatame

Estimulada pelo também lutador Guilherme Vieira (primo de Pedrinho e que também competiu nos Emirados Árabes), Leda matriculou o neto de 6 anos na academia de luta. Hoje com 9 anos e tendo o primo como inspiração, Pedrinho coleciona 28 medalhas, incluindo o ouro em Abu Dhabi. Não é a primeira vez que o garoto disputa um campeonato internacional: em 2021, ele ganhou medalha de ouro no AJP Tour Guarapari International Pro (no Espírito Santo) na categoria Kids.

Apesar de tímido e acanhado, no tatame de Abu Dhabi o garoto derrotou rapidamente Sanzhar Aldabek, atleta do Cazaquistão, e ganhou de 9 x 0 de Sonny Belcher, da Inglaterra. Pedro se orgulha muito da vitória dupla e afirma de forma convicta que a medalha é, na verdade, da avó.

No momento, ele e os outros atletas se empenham em mais uma mobilização para participação de outro mundial: o resultado nos Emirados

Árabes serviu como classificatória para o Pan Kids IBJJF Jiu-jitsu Championship 2023, nos EUA. Pedro está animado: “Quero estar lá. A próxima medalha será da minha tia e do meu tio.”

Emoção e magia

“Não consegui fazer meu jogo como o mestre me preparou. Entrei bem na luta, consegui uma queda, mas deixei meu braço escapar”, lamenta **Guilherme**, o primo de Pedrinho de 17 anos. Além dele, outros 18 atletas do Maré Top Team não conseguiram subir ao pódio no torneio.

Guilherme, porém, não desanima. Segundo ele, a experiência de nove dias foi incrível e ficará para sempre na memória dele e de sua mãe, a gerente de loja **Jessica Vieira**, de 32 anos. Foi a primeira vez que ela acompanhou o filho em uma competição fora do país: “É um misto de emoção e gratidão, foi mágico”, lembra ela.

Guilherme é um dos principais recordistas da academia, com 78 medalhas ao total, incluindo ouro no Pan Kids nos EUA em 2020. Segundo o mestre Douglas ensina aos seus alunos, entre os melhores do mundo um único erro é fatal, mas não resume a história de nenhum atleta.

Vitória de muitas mãos

Levar 38 atletas, seis treinadores e 13 responsáveis para Abu Dhabi foi possível graças a uma verdadeira teia de solidariedade tecida por parceiros e incentivadores. Quando perguntada sobre sua profissão, a dona de casa e empreendedora **Juliana Oliveira**, de 37 anos, responde rapidamente “jiu-jítsu” em tom de brincadeira, fazendo alusão ao esforço diário que ela faz para manter seu filho na rotina regrada que um atleta precisa.

Juliana foi responsável por mobilizar a Secretaria Estadual de Esporte e Lazer do Rio de Janeiro, o que garantiu apoio para um grupo de nove atletas e sete medalhas de ouro para o território. Um desses atletas de ouro foi seu filho Pyetro Emanuel, de 14 anos, que desfilou cheio de orgulho com a medalha pendurada no peito na calorosa recepção que a Maré deu aos seus atletas

Segundo ela, ganhar em Abu Dhabi abre janelas para a profissionalização dos lutadores. “É preciso visibilidade para atrair patrocinadores que estejam dispostos a investir no futuro do Pyetro no esporte”, afirma ela, lamentando que a ajuda do estado não seja contínua, já que o jiu-jítsu não é um esporte olímpico.

Julia Freires de 12 anos, conhecida como Ronaldinha, também trouxe o ouro na mala. Sua mãe, Adriana Freires da Rocha, de 34 anos, afirma que a maior dificuldade foi financeira, para garantir que a filha pudesse competir com estrutura. Isso somente se concretizou porque ela encontrou pessoas que acreditaram no potencial de Julia como atleta de nível internacional.

“Lutar fora do país era algo que nem imaginava ser possível, ainda mais levando a bandeira de um lugar tão discriminado pela sociedade. Eu me sinto honrada em trazer o ouro, é gratificante”, conta Ronaldinha, uma das mais novas da equipe e já considerada uma das mais experientes no tatame.

Sem Olimpíadas e Bolsa Atleta

O Bolsa Atleta é, desde 2005, um dos maiores programas públicos de patrocínio individual de atletas no mundo. O jiu-jítsu, porém, não é um dos esportes contemplados; não ser uma modalidade olímpica é uma das razões. Outra é o esporte não ter uma federação mundial, o que exigiria que o jiu-jítsu fosse praticado em 75 países de quatro continentes por homens, ou em 40 países de três continentes, no caso de atletas mulheres.

Além disso, o Comitê Olímpico Internacional considera o chamado Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ), ou Jiu-Jítsu Brasileiro, é uma categoria derivada do judô moderno, e o COI proíbe esportes ditos derivados em competições olímpicas.

A solução para apoiar os atletas ainda é local: o secretário estadual de Esporte e Lazer, **Alessandro Carracena**, parabenizou os atletas pelo belo desempenho na competição, afirmando que, dentro do possível, a secretaria procura ajudar e apoiar os atletas dentro das possibilidades.

“As favelas do Rio de Janeiro são um celeiro de esportistas e o jiu-jítsu tem surgido como uma modalidade com um grande número de adeptos em todas as faixas etárias (...) Para nós é motivo de muito orgulho saber que atletas do nosso estado estão representando o esporte fluminense da melhor maneira possível”, diz ele.

Navegar é preciso





O trabalho de Patrick Marinho ajuda a construir a narrativa sobre os moradores e trabalhadores da Vila dos Pescadores, localizada na Vila do Pinheiro. Para o fotógrafo, os corpos retratados são aqueles que, de fato, carregam a história da formação do território, desde suas primeiras ocupações, ainda na década de 1940, às margens da Baía de Guanabara.

“Em 2018, comecei a documentar a vida desses trabalhadores com o objetivo de sensibilizar os moradores da Maré e o público geral que acompanha o trabalho para as pautas socioambientais no que tange à preservação das águas da Baía de Guanabara”, conta.

O artista

Cria do Morro do Timbau, **Patrick Marinho** (Instagram: @commarinho) fotografa de modo independente desde os 18 anos, pesquisando o cotidiano dos moradores locais com ênfase nos trabalhadores informais. É formado pela Escola de Cinema Olhares da Maré e pelo programa *Imagens do Povo*.

Internet de qualidade também é direito

Desafio da tecnologia é chegar com a mesma qualidade no interior do país e nas favelas

HÉLIO EUCLIDES, JOÃO GABRIEL HADDAD (*) E REBEKAH TINÓCO (*)

Em outubro deste ano, a rede de internet móvel 5G foi ativada (com dois meses de atraso) em todas as capitais do país, incluindo o Distrito Federal. Se a expectativa é de que a cobertura atinja todos os municípios brasileiros até o fim de 2029, o problema maior é o novo sistema ter igual desempenho no país todo — incluindo cidades do interior do Brasil e favelas. Apenas com o desenvolvimento igualitário será possível uma verdadeira democratização da internet. De acordo com o Instituto Locomotiva, 43% dos moradores de favelas não possuem internet de qualidade. O jornal *Voz das Comunidades*, do Complexo do Alemão, publicou em outubro de 2021 uma reportagem sobre o projeto *Rio Estado Digital*, que prometia mudar essa realidade, com disponibilidade de internet gratuita. O projeto do governo estadual começou em 2009, mas foi descontinuado quando começaram a surgir falhas. Na Maré, o sinal era captado na Avenida Brasil, mas nem sempre funcionava corretamente. Em 2017, o programa foi encerrado, sem que a democratização do acesso à internet se concretizasse.

Atualmente, a tecnologia 5G está muito distante das favelas. Na Maré, moradores ainda precisam superar a falta cotidiana de sinal da internet em celulares e a lentidão na conexão dos telefones fixos. A internet



Pesquisa aponta que, apesar do uso constante do celular, 43% dos moradores de favelas não possuem internet de qualidade

ruim foi um dos motivos que fez **Mateus Vieira** se mudar da Maré.

“Morava no Morro do Timbau, local onde os internautas mais sofrem. Acredito que a internet 4G é relevante e aceitável; o problema é que na favela nem o 3G pega. Sou estudante e na pandemia não consegui estudar, pois a internet era caótica”, conta o aluno de história da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Alguns moradores esperam com ansiedade a nova tecnologia de transmissão de dados. É o caso de **Jadson Couto**, dono de uma empresa de manutenção de impressoras na Baixa do Sapateiro.

“Teoricamente vai ajudar muito, principalmente com novos serviços, na agilidade dos que já existem e na comunicação”, espera ele. Contudo, quando se fala de favela, Jadson tem dúvidas

quanto à disponibilidade do 5G.

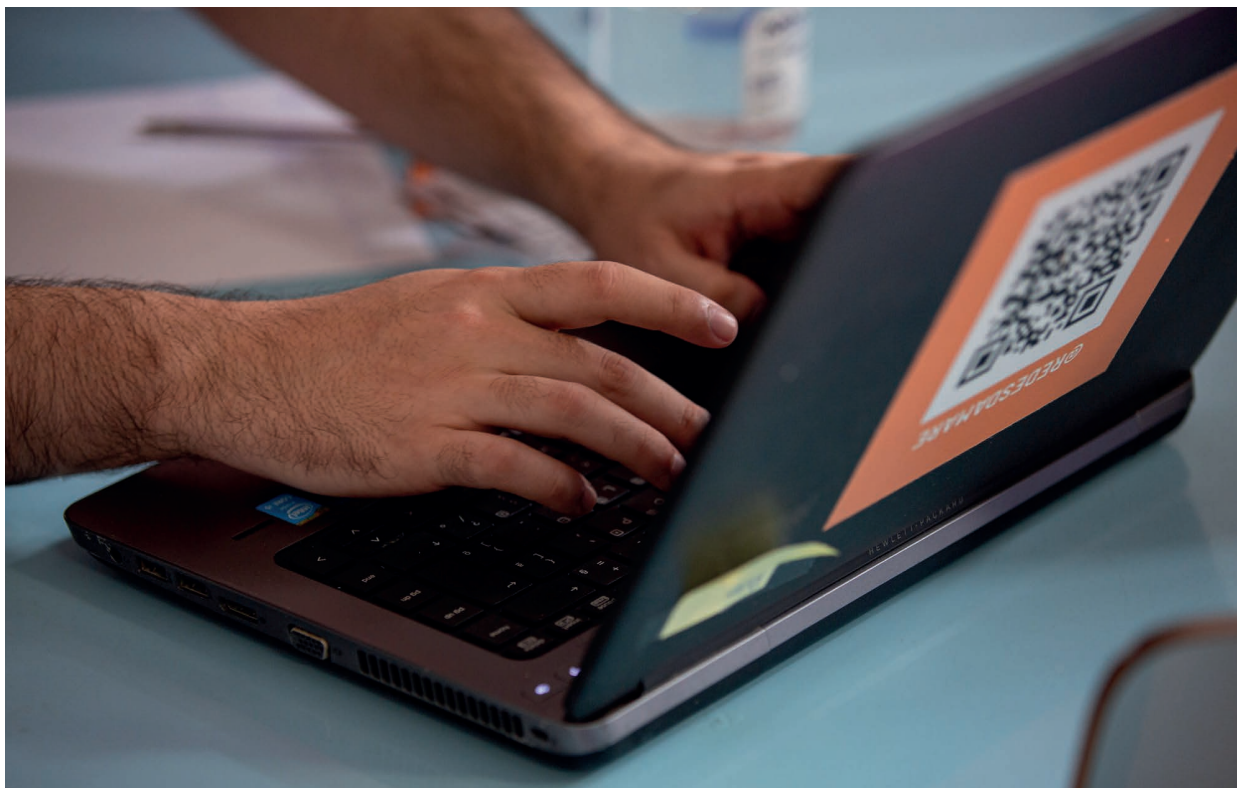
“A tecnologia é muito boa, porém a cobertura na comunidade ainda deixa a desejar. Dependendo da região nem sinal pega. Hoje em dia se limita somente a bairros com poder aquisitivo alto”, acredita.

A chegada da nova tecnologia também preocupa quando se fala de aumento da desigualdade social. No programa Canal Livre que foi ao ar no último dia 20 de novembro, o prefeito de Araraquara (São Paulo), **Edinho Silva**, lembrou que os avanços precisam chegar a todos os municípios do país e em todas as áreas: “Hoje, é preciso que pelo menos o 4G chegue às escolas públicas e mais ainda, que elas tenham equipamentos adequados para os seus alunos.”

A primeira favela 5G do Brasil

A operadora TIM e a ONG Gerando Falcões (que atua em favelas de todo o Brasil usando análise de dados para combater a pobreza) anunciaram que uma comunidade em São José do Rio Preto (São Paulo) — mais especificamente, a Favela Marte — será a sede do projeto-piloto *Favela 3D*, se tornando a primeira no país plenamente conectada à nova tecnologia para dados móveis. Duzentas famílias serão beneficiadas pela iniciativa, que tem como meta a instalação da quinta geração de transmissão de dados no local até agosto de 2023.

Segundo a TIM, com o projeto a empresa espera colaborar para a construção de um mundo mais igualitário: “O setor cultural e a produção de conteúdo, que possuem um potencial enorme nas comunidades,



DOUGLAS LOPES

Maior parte dos mareenses acessa a web pelo celular, mas, mesmo no computador, lentidão da conexão costuma ser um desafio serão alguns dos segmentos mais beneficiados pelo 5G, capazes de irradiar para cada vez mais longe o poder de negócios das favelas.”

A operadora, de acordo com sua assessora, quer contribuir para potencializar outros tipos de serviços, como educação, saúde e o comércio local.

Popularizar a tecnologia

O 5G é a nova geração de distribuição de dados do sistema de telefonia móvel celular. Ele é até cem vezes mais rápido que o 4G, com velocidades que podem chegar a mais de 1000 Megabits por segundo, com um pequeno intervalo de transferência de dados entre dispositivos.

“A rede 5G é caracterizada por uma estrutura híbrida que maximiza diversos serviços”, explica **João Dias**, pesquisador e engenheiro de telecomunicações.

Popularizar a tecnologia é considerado um consenso para o sucesso do 5G nos próximos anos. Porém, João Dias lembra que a implementação da rede em comunidades passa por mais desafios, como a instalação de equipamentos.

Como o alcance das antenas 5G pode ser limitado, áreas densamente ocupadas (como as de favelas) exigem um planejamento mais cuidadoso para garantir a cobertura total daquela

região. O acesso de veículos de grande porte para instalação do equipamento também deve ser avaliado, já que eles podem enfrentar dificuldades em circular em vias estreitas das comunidades.

Futuro à vista

Além da velocidade, o 5G contribui para o aperfeiçoamento do suporte a serviços de internet e automação industrial e de serviços como a indústria 4.0, ou seja, totalmente automatizada a partir de sistemas que combinam máquinas com processos digitais, carros autônomos e casas e cidades inteligentes.

O usuário precisa de um dispositivo compatível para poder usufruir da rede 5G, além de estar na área de cobertura. Embora ainda não esteja disponível em muitas localidades (até mesmo dentro das capitais), a TIM já registrou um aumento da demanda por dispositivos que funcionam com a nova tecnologia 5G.

Segundo a empresa, “observamos que 40% das nossas vendas de smartphones são de modelos 5G, e 75% dos nossos aparelhos à venda são compatíveis com a nova tecnologia”.

A implementação do 5G, entretanto, não está consolidada; o preço dos serviços e aparelhos pode ser maior do que os similares com outra tec-

nologia. Por isso, na opinião do João Dias, a aquisição de novos aparelhos apenas para ter acesso à nova tecnologia, no cenário atual, deve ser feita com cautela.

Atrasos e desafios

O desembarque do 5G no Brasil passou por problemas técnicos e políticos, o que explica os atrasos na disponibilização do serviço no país. O alcance limitado do sinal por conta da utilização de frequências altas exigiu o planejamento da instalação de equipamentos mais potentes e mais antenas espalhadas pelas cidades.

“Foi necessário trabalhar com frequências que nunca haviam sido usadas para comunicações móveis, e isso impõe desafios no desenvolvimento de novas tecnologias para atender esses objetivos”, explica João Dias.

O pesquisador também atribui disputas comerciais entre os EUA e a China à demora da chegada do 5G ao país: “Isso acabou, de certa forma, provocando um atraso na tomada de decisão da Agência Nacional de Telecomunicações”, pondera.

Até o fim de 2030, além de disponibilizar o 5G em todos os municípios brasileiros, as empresas de telecomunicação precisam garantir o sinal em 1.700 localidades consideradas não-urbanas — o que vai depender do desenvolvimento de planos de negócio pelas empresas que contemplem essas regiões.

Será preciso também que os governos locais e federal ofereçam incentivos fiscais ou acordos a essas empresas, como os firmados no leilão do 5G em 2021. Na ocasião, o governo federal viabilizou a compra das frequências pelas operadoras, mas impôs metas como a disponibilização de sinal 4G e 5G em escolas.

**Alunos comunicadores do Programa de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com o Maré de Notícias.*

Aposentadoria que não dá conta

Com a perda do poder de compra do salário mínimo, valor do benefício não garante o básico para a sobrevivência

JORGE MELO

Aposentar-se é um direito essencial, mas hoje representa pouca segurança para a maioria dos brasileiros. Num ranking com 44 países sobre que país é o melhor para se aposentar, o Brasil ocupa o penúltimo lugar. Quando se trata do valor médio da aposentadoria, o país também ocupa a 43ª posição, à frente apenas da Rússia.

Os dados são de um relatório anual da consultoria de investimentos Natixis, empresa franco-americana especializada em investimentos de nível internacional. Para calcular o ranking, a Natixis cruza dados relativos a saúde, qualidade de vida, inflação e bens materiais. Noruega, Suíça, Islândia, Irlanda e Austrália são os melhores países para deixar de trabalhar. Na América do Sul, o país mais bem colocado é o Chile, que aparece em 34º lugar.

Países ricos como base

Segundo o economista **Eduardo Fagnini**, professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o relatório revela o óbvio: a situação dos aposentados brasileiros tem relação com a Reforma Previdenciária, iniciada no governo Michel Temer (2016-2018) e concluída no governo Jair Bolsonaro (2019).

Essa reforma, de acordo com ele, teve como referência países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne algumas das nações mais ricas do mundo, como EUA, Alemanha, França, Canadá e Japão.

“Existe um abismo a separar as condições de vida no Brasil e nos países mais ricos da OCDE. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) insere o Brasil entre os dez países mais desiguais do mundo. Não faz sentido comparar o Brasil com países da OCDE”, explica o economista.

Antes da reforma, por exemplo, o



Mari Soares trabalhou como costureira por 15 anos e recebe hoje um salário mínimo por mês de aposentadoria

cálculo para a aposentadoria levava em consideração 80% dos maiores salários recebidos durante a carreira do trabalhador. Hoje, calcula-se a média de 100% dos salários — o que, segundo especialistas, leva à diminuição de até 15% do valor da aposentadoria. Segundo Eduardo Fagnani, “nas próximas décadas teremos milhares de pessoas idosas sem renda porque não conseguirão se aposentar.”

Segurança mínima

A costureira **Mari Soares Pinto** tem o perfil da maioria dos brasileiros que decidem parar de trabalhar. Hoje com 63 anos, ela conseguiu se aposentar por idade antes da reforma: se antes a idade mínima era 60 anos, agora é de 62 anos para as mulheres e de 65 anos para os homens.

Mari trabalhou por 15 anos e recebe hoje um salário mínimo por mês. “Ele deveria ser pelo menos de uns R\$ 2 mil”, reclama. Pela lei atual, ela teria que ter pelo menos 20 anos de contribuição para obter o benefício.

Casada com um profissional autônomo, a costureira reconhece, sem perder o bom humor, que a vida de aposentada não é fácil: “Quando reúno os amigos para um churrasco, dividimos tudo. E o lazer é pouco, igreja e praia — e pra essa levamos tudo de casa”, conta.

A situação de Mari confirma o que pensa Eduardo Fagnani: apesar dos problemas, ainda temos o que comemorar: “Os avanços da Constituição Cidadã, entre eles a questão da aposentadoria, são importantíssimos. Desde 1988, por exemplo, o piso da Previdência Social não pode ser inferior ao salário mínimo.”

Sistema sucateado

O economista e professor do Instituto de Economia da Unicamp **Waldir Quadros** observa que, diante da desigualdade no Brasil, devemos separar os aposentados de poder aquisitivo mais elevado daqueles advindos das camadas populares.

Segundo ele, “os primeiros normalmente recorrem à saúde privada, ad-



DENNIS SIQUEIRA / UNSPLASH

Economistas: inflação atinge diretamente os aposentados mais pobres, reduzindo poder aquisitivo e comprometendo até sua alimentação

quieren bens materiais que possibilitam maior qualidade de vida e conseguem se defender melhor da inflação. Já os aposentados mais pobres dependem exclusivamente do sucateado sistema de saúde pública, sofrendo demais nas filas e com um atendimento precário”.

As aposentadorias no Brasil variam de R\$ 1.212 (um salário mínimo) ao chamado teto da Previdência, hoje de R\$ 7.087,22 — o maior valor que um aposentado da iniciativa privada consegue receber. Existem sistemas especiais, com remunerações acima desse teto, para militares e funcionários públicos e do Poder Judiciário.

Segundo o economista, a inflação atinge diretamente os aposentados mais pobres, reduzindo muito seu poder aquisitivo e comprometendo até mesmo sua alimentação: “A luta é para sobreviver, estando muito distantes da qualidade de vida e aquisição de bens materiais para viver com mais conforto.”

Um levantamento realizado em todas as capitais bra-

sileiras pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) revela que 21% dos aposentados continuam trabalhando. Desses, 47% o fazem porque o valor da aposentadoria não é suficiente para pagar as contas.

Valor corroído

Para os milhões de aposentados brasileiros, o presidente eleito Luís Inácio Lula da Silva, em seus primeiros pronunciamentos, avisou que seu governo retomará a fórmula que possibilita corrigir o salário mínimo pela taxa de inflação do ano anterior e ainda acrescentar um ganho real, baseado no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) dos anos anteriores

Esse mecanismo, em vigor até 2019, possibilita recuperar uma pequena parte do poder de compra das aposentadorias, achatado nos últimos quatro anos, dos mais de 60% dos aposentados brasileiros que recebem um salário mínimo por mês.

Essa decisão influencia também o reajuste dos benefícios de quem recebe acima de um salário mínimo; nesses casos, é usado o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ele mede a inflação e leva em conta o custo de vida das famílias que recebem por mês até cinco salários mínimos.

Desde o Plano Real, criado em 1994, Jair Bolsonaro é o primeiro presidente a terminar o mandato com o salário mínimo com menor poder de compra do que aquele vigente à época da posse. Os cálculos foram feitos pela corretora de valores e câmbio Tullett Prebon Brasil. Caso o governo Bolsonaro seguisse a política de reajuste vigente entre 2011 e 2019, o salário mínimo hoje seria de R\$ 2.270, segundo estudo do economista Francisco Faria, da LCA Consultoria.

Arides Meneses, morador da Nova Holanda, tem dois filhos e dois netos, está aposentado há sete anos e

recebe dois salários mínimos. Ele faz parte de uma minoria que conseguiu manter o padrão de vida, embora reconheça que tem que economizar porque o poder de compra do benefício caiu nos últimos anos: “Conseguo viver com minha aposentadoria e não preciso trabalhar para completar o orçamento, mas acho que o valor poderia ser maior.”

Cem anos de Previdência

Segundo o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), o Brasil tem hoje cerca de 21 milhões de aposentados urbanos, nove milhões de aposentados rurais e cinco milhões que recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC) — aquelas pessoas que, mesmo não tendo contribuído para a Previdência, recebem um salário mínimo mensal ou têm alguma deficiência física ou mental.

Às portas de completar seu centenário (em 24 de janeiro de 2023), a Previdência Social é, como explica o economista Waldir Quadros, uma instituição fundamental apesar dos muitos problemas, e que precisa ser aprimorada.

“Junto com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a Previdência Social foi introduzida no Brasil pela política social de Getúlio Vargas, tornada possível pela Revolução de 1930. A sua relevância pode ser percebida pelos constantes ataques dos neoliberais, sempre procurando retirar direitos e reduzir o gasto com os mais necessitados. Por isso ela deve ser decididamente defendida pelos democratas.”

Mareenses temem tormento das quedas de energia

Com a chegada do verão, moradores revivem a insegurança e o medo provocados pela instabilidade das instalações elétricas

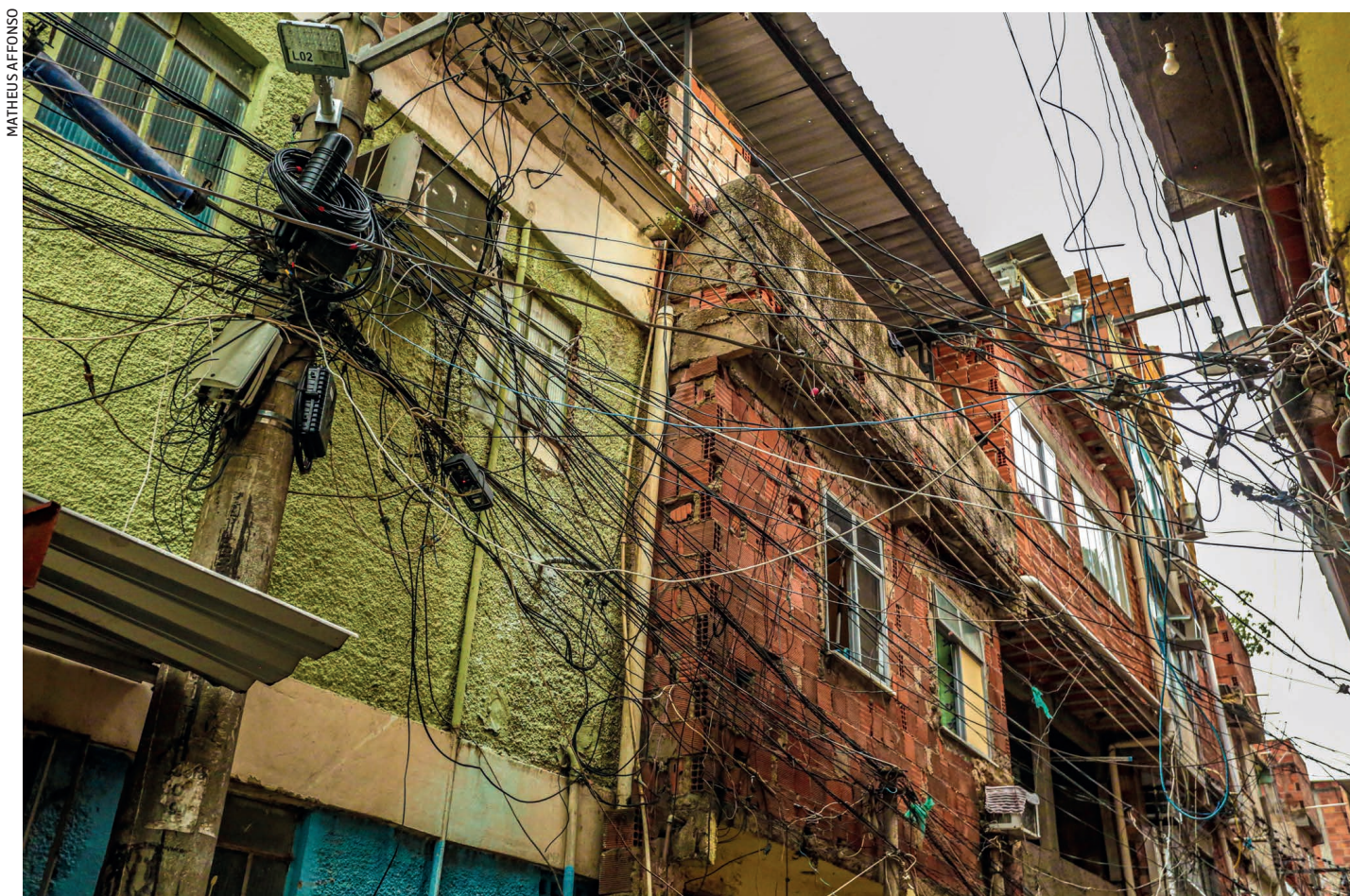
HÉLIO EUCLIDES

“**V**em chegando o verão/ O calor no coração”. A música *Uma noite e meia*, composta por Renato Rockett e eternizada na voz da cantora Marina Lima, anuncia a proximidade da nova estação. Mas em parte da Maré, o que os moradores sentem no coração quando chega o verão é o medo de ficar no escuro. Uma das favelas mais prejudicadas é a Salsa e Merengue.

“O verão todo ano é sinônimo de falta de luz à noite. Quando acaba geral, ainda é sorte. Certa vez foi embora apenas uma fase, foram 15 dias de tormento. A solução foi fazer uma vaquinha para comprar o cabo e um eletricista da comunidade colocar no lugar. O descaso é visível: são postes ainda de madeiras, outros tortos e cabos velhos cheios de remendos”, reclama uma moradora que preferiu não se identificar.

A coordenadora do Eixo de Direitos Urbanos e Socioambientais da Redes da Maré, **Shyrlei Rosendo**, quer “saber da Light como está a carga de energia, pois quando chega o verão falta luz direto. Isso ocorre pelo aumento a cada ano no número de habitantes da Maré e o fornecimento de energia precisa acompanhar isso”.

Nem todas as favelas sofrem dos apagões. **Luiz**



Moradores apontam descaso: postes ainda em estrutura de madeira e muitos remendos podem ser notados pelas ruas da Maré

Gustavo, morador da Baixa do Sapateiro, diz que o fornecimento de energia é bem diferente na favela onde mora e naquela onde trabalha. “Na Vila dos Pinheiros a queda de luz é frequente. Falta por cerca de dois minutos e volta com toda a força. Acho que isso foi o que queimou a placa de um computador”, relata.

O Parque União é outro lugar onde a falta de luz é constante. Isso é o que confirma **Caitano Silva**, social média da associação de moradores: “Pelo menos, sempre que é preciso a associação consegue falar com a concessionária. O atendimento às vezes demora; já chegou a sete horas de espera”, diz ele.

Melhorias via CEP
Francesca Pilo, pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Amsterdã, na Holanda, é a autora do estudo de 2016 *Consumo de energia elétrica nas favelas e a transformação de “consumidores em clientes”*. Nele, há o relato do ocorrido na favela Santa Marta em 2010, quando a antiga rede de distribuição foi substituída por uma subterrânea. A nova rede ganhou 3.200 quilômetros de cabos, 19 transformadores e 63 postes de fibra substituindo os antigos, de madeira. A obra dobrou a capacidade de distribuição de energia e levou a melhorias na qualidade do serviço.

Enquanto em 2009 a in-

terrupção do fornecimento de energia foi de 29 horas, em 2011 faltou luz por oito horas durante o ano inteiro. Entretanto, a qualidade do serviço ainda não se aproxima ao do restante do bairro de Botafogo, que experimentou pouco mais de duas horas de interrupção do fornecimento de energia no mesmo período.

A diferença no tratamento a depender do CEP dentro do município ficou bem caracterizado quando os centros de alguns bairros, incluindo Bonsucesso, foram submetidos a uma intervenção urbana no período de 1995 a 2000. O Projeto *Rio Cidade* previa a modernização dos serviços, como o cabeamento de



ELISÂNGELA LEITE

Vista encoberta por fios já começa a ser eliminada em algumas partes do Rio de Janeiro, mas mudança ainda não chegou na favela telefonia, iluminação pública e fornecimento de energia. Toda a fiação foi trocada e passou a ser subterrânea.

Se em Bonsucesso foram instalados 4.670 metros de dutos da Light, as favelas continuaram a viver sob um grande emaranhado aéreo de fios e cabos remendados, trazendo riscos aos moradores.

Distração fatal

Na Maré, o crescimento vertical levou à perigosa proximidade entre algumas casas e os cabos de energia. Os pedreiros são os mais prejudicados, trabalhando com possibilidade de acidentes. Nestes casos, uma distração pode ser fatal.

Foi o que ocorreu em abril de 2012 com o pedreiro Paulo Roberto do Carmo. Ele realizava obra no Parque União quando escorregou do andaime e caiu por cima dos fios. Na época, a Light informou que havia sugerido a interrupção da obra, porque só assim seria possível realizar o devido isolamento. O Corpo de Bombeiros alerta que, ao trabalharem próximo à rede elétrica, pedreiros liguem para a Light para que a concessionária desligue a rede elétrica ou isole os cabos.

Mas não são apenas os profissionais responsáveis por obras que sofrem

com o descaso com as instalações elétricas nas ruas. Em setembro de 2021, uma menina de sete anos queimou-se seriamente ao chegar perto de um cabo de média tensão no Salsa e Merengue. Ela acabou perdendo um braço e três dedos do pé.

“Foi tudo rápido, eu estava instalando uma porta quando ela subiu para o terraço, pegou um pedaço de ferro e o aproximou do fio — nem chegou a tocar”, conta **Danilo dos Santos Pinheiro**, pai da menina. Ele reclama que os cabos de energia da favela são desencapados e a rede precisa de uma reformulação.

“A minha luta hoje é para que a Light faça alguma coisa em relação ao cabeamento que, por ser antigo, não tem mais isolamento. Já são cinco acidentes com mutilações no Salsa e Merengue; duas pessoas morreram. Espero que isso não venha a acontecer com outros inocentes”, diz ele.

Danilo critica a Light por não fazer nada com relação à filha dele: “Tive que arcar com todas as despesas. Sei que nenhuma quantia vai reverter o dano que foi causado à minha filha.” Sua mulher, **Angélica Pinheiro**, também se sente desamparada. “Eles têm conhecimento dos riscos e não fazem nada para trocar os cabos.

Quantas pessoas ainda vão ser mutiladas ou mortas para que se faça algo?”, questiona.

Oscilação incendiária

Este ano, os moradores do Bloco 4 do Conjunto Pinheiros passaram por um susto quando o quadro de luz pegou fogo. Muitos tiveram que pular pela janela ou sair pelo buraco do ar-condicionado para fugir do fogo e da fumaça tóxica que tomou conta do lugar.

“Aqui a energia oscila muito, essa variação pode ter ajudado no acidente. Por sorte não houve vítimas. A recuperação do quadro ficou em cerca de R\$ 20 mil, e há uma promessa de que isso seja incluído na reforma dos prédios feita pelo governo do Estado”, conta o morador **Francisco Ricardo**.

O susto mais recente aconteceu no último dia 17 de novembro: um poste em frente à Escola Municipal Tenente General Napion, em Roquete Pinto, pegou fogo, assustando alunos e funcionários. A unidade teve que interromper as aulas. Uma professora que preferiu não se identificar disse que a Light chegou duas horas depois do chamado.

“Tivemos que cancelar a participação de algumas instituições na Feira de Ciência Integrada Etnicorracial, que ia acontecer no dia seguinte. Pelo horário, ficamos com medo de a luz não voltar. Foi feita uma ligação direta pela empresa, pois o relógio de luz não suporta o uso da unidade. Não conseguimos usar o ar-condicionado nas salas, pois a Light até hoje não colocou um medidor ideal que comporte a carga”, explica a professora.

A Light informou que existe um elevado número de ligações clandestinas na localidade que impactam na qualidade do fornecimento de energia, o que explica as oscilações de energia reportadas. A empresa tem um plano de manutenção permanente da sua rede e só atua em localidades onde exista segurança para que seus técnicos trabalhem.

Confira os destaques no site do Maré de Notícias

(<https://mareonline.com.br>)

✓ Atrocidade e truculência em chacina na Maré

Oito mortes foram confirmadas após operação policial que extrapolou todos os limites jurídicos para este tipo de incursão.

Para ler acesse <http://bit.ly/3imM9FX> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ 'Mineiro da Maré' promove ação social de saúde

Victor Aguiar veio de Belo Horizonte (MG) para cursar medicina e há oito meses iniciou o projeto *Blitz da Saúde* no território.

Para ler acesse <http://bit.ly/3uaA09C> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Nise da Silveira e Dona Ivone Lara foram homenageadas na 2ª Semana de Saúde Mental da Maré

Programação contou com reflexões sobre o contexto da saúde emocional no conjunto de favelas, inclusive atividades culturais.

Para ler acesse <http://bit.ly/3GSfQsI> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Com a mente ativa e solidária

Grupo de senhoras mareenses cria artesanatos para doações.

Para ler acesse <http://bit.ly/3EOD14h> ou escaneie o código QR ao lado.



PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Conjunto de sinais utilizados pelos surdos-mudos	Sucede ao "M"	1	Filtro natural do sangue	Pôr em igual nível; equiparar	2	Que foi alvo de uma ação judicial	3			
						Funcionário de empresas de turismo				
2	4	5	6	4	7	8	9	4	7	
Prática da pessoa no chuveiro	Adversário; desafeto	1	5	1	10	1	11	8		
(?) Family, grupo vocal	F	4	6	Animal que tentou Eva (Bíblia)	10	3	Euclides da Cunha, escritor	12	2	
9	4	3	1	13	Inflamação em peles oleosas	4	2	5	12	
Item do estojo escolar	Conteúdo Local dos cultos religiosos	6	12	8	7	Estaciono (o carro)	6	13		
O plano alternativo	Fofoca (gíria)	6	7	Apartamentos (pop.)	4	3	12	13		
Período anual destinado à caça	Marília Pêra, atriz	10	3	8	7	4	15	4		
7	8	10	3	12	7	Vermelho, em inglês	7	12	15	
Desfazer ligação amorosa	O número não divisível por 2	5	5	Indivíduos de um país	3	8	16	8		
3	4	9	1	6	4	Faz parte do traje da noiva	1	Ginástica de (?) modalidade olímpica		
Limpar com palito	Ovário de peixes	12	12	"Vida", em "biologia"	8	16	4	13		
Fama; reputação	Pequeno (abrev.)	3	3	Consoantes de "nagô"	14	O "eu" de cada um (Psican.)	12	11	8	
Máquina de jogo de azar	Silaba de "praça"	4	4	5	1	Q	17	12	9	
2	4	Ç	4	5	1	Q	17	12	9	
Ampos; folgados		9	4	7	11	8	13	Pedra para afiar	10	8



Disponível em bancas de jornal e livrarias de todo o Brasil!

www.coquetel.com.br/
 @editoracoquetel
 /coquetel

Solução

O	W	S	O	G	R	V	T
T	E	N	D	I	N	V	C
O	G	E	B	d	N		
S	V	A	O	E	W	O	N
I	R	V	I	T	V	d	
O	A	O	d	N	d	W	
O	E	R	H	E	d	W	O
V	O	V	R	O	d	W	E
S	T	E	V	R	L	E	
S	T	E	V	O	E	T	B
E	N	C	V	S	I	d	T
C	E	d	W	I	V	E	
O	G	I	W	I	N	I	T
R	V	T	O	R	V	I	N
d	para	C		I			

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410